

CABOCLAS BRABAS: HISTÓRIA INDÍGENA DO SERTÃO DO SERIDÓ POR MEIO DAS MEMÓRIAS DE SEUS MORADORES

Helder Alexandre Medeiros de Macedo

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História – UFPE

E-mail: heldermacedox@gmail.com

Para o início desse texto, que trata da história do sertão do Rio Grande do Norte – na porção conhecida como Seridó –, escolhemos a narrativa atual de uma descendente de índios, dona Josefa Maria de Araújo, para que a partir dessa composição possamos tecer comentários e problematizar a presença indígena nessa mesma região, sobretudo após os conflitos das chamadas “Guerras” dos Bárbaros. Demos a palavra a dona Zefinha, como é conhecida em Carnaúba dos Dantas, a qual, em relato de próprio punho, expressa o entendimento de sua genealogia materna;

Antonia Siá [índia] foi achada por 2 caçador que na epuca vivião de caças o contecimento Foi ocorrido no sitio Baixa do Meio encima da Serra que chamada por Serra das Onças. era ali que ela costumava sai de sua Tribo para ver os animas feroz. e foi achada. e Pegada elos cacorros de Benidito cassado e Antonio Burek ela Foi levada Para casa de Benidito Queros e encinada. sua educação ela não sabia Fala nada que entendeci e tinha aprocimadamente 9 anos e ao 14 anos avaliado conheceu um Joven chamado Sirinel Ginani e si cazaran no Sitio Saco do Sipó em uma Festa Junina e teve 14 Filhos São eles CHAYD, SALA, SYKAN SYPONAY KYNCÓ SARYDON SYMEÃO SYLAS, SYRYNEL KANDAY ACEU SAÚ. A Filhas São Shymeny Shynay (Josefa Maria de Araújo)

Essa narrativa, portanto, é a de uma mulher que se identifica como tendo um passado indígena, sendo descendente de uma *cabocla-braba* que foi *pega a dente de cachorro e casco de cavalo*. Seu depoimento esboça com facilidade a sua genealogia ancestral começando com a *captura* de sua trisavó (Antonia Siá) e chegando ao seu bisavô Saú (o qual casou com uma mulher por nome Jurema), que foi pai de seu avô, Pedro Vicente de Lima. Este casou com Maria Guilhermina, tendo nascido dessa união dezesseis filhos, dos quais restam seis: Josefa, José, Benedito, Maria, Rosa e Raulinda. Josefa casou com Pedro Carneiro de Araújo, de onde nasceram, além da própria

depoente (dona Zefinha), Pedro Gino de Lucena (Pedroca), José Maurício de Araújo (Leiteira), Josefa Maria Elita (Lilita) e José Carneiro Neto (Novo).

Tomada no contexto colonial a narrativa produz determinadas representações comuns sobre a liberdade dos índios e a sua captura pelos não-índios, que confrontam história e memória referidas à trajetória e à tradição da família. Por outro lado, a narrativa transposta para o papel por dona Zefinha nos mostra um lado insólito da História do Rio Grande do Norte e, num quadro mais amplo, do interior do atual Nordeste. Refere-se, aqui, à participação dos indígenas no próprio desenrolar do processo histórico que desembocou na construção do Seridó, sertão do Rio Grande do Norte e, por conseguinte, ao modo como tomaram parte na constituição das suas famílias – muito embora tenhamos de admitir que tal participação raramente tenha sido levada em conta da mesma forma como o foi a da presença branca. Quase sempre, seja na historiografia regional, seja no senso comum, encontramos referências aos brancos como sendo superiores a outros grupos sociais, como os índios, os negros e os mestiços, numa atitude que faz reverberar idéias eurocêntricas bem ao gosto das teorias evolucionistas do século XIX.

Antonia Siá, segundo o relato da sua trineta dona Zefinha, era uma *cabocla-braba*. Assim ficaram conhecidos na memória familiar os índios e índias que sobreviveram à dizimação durante as Guerras dos Bárbaros¹ (1683-1725) ou à escravização em épocas posteriores a estas. Escondidos nos pés de serra ou nas suas chãs e homiziados nas furnas e grotas, fugindo a todo tempo do alastramento da fronteira pastorícia, foram literalmente *caçados* pelos conquistadores, que, montados em cavalos e com a ajuda de cães de caça, domaram a sua brabeza. Ainda que existam alguns relatos acerca de caboclos-brabos (SOARES & PEREIRA, 2000, p.17-8; 21), a maior incidência de histórias de família coletadas dentre as memórias individuais dos seridoenses recai sobre a presença de caboclas como tronco genealógico ancestral. É Luís da Câmara Cascudo quem denuncia por primeiro na historiografia regional, até onde temos conhecimento, a presença das caboclas-brabas como constituinte da

¹ “Guerras” (e não “Guerra”) dos Bárbaros é a terminologia utilizada para nominar os movimentos de resistência indígena contra o avanço da colonização no interior através da empresa pecuarística ocorridos em praticamente todo o atual Nordeste, nos territórios das antigas capitanias que hoje equivalem ao leste do Maranhão, norte da Bahia e sertão do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba, entre a segunda metade do século XVII e primeiras décadas do século XVIII.

genealogia de famílias do Seridó. Na sua opinião “Inúmeras famílias-troncos do Seridó e oeste norte-riograndense tiveram avó-índigena, caçada a casco de cavalo, preferida pelo fazendeiro, mãe do filho favorito, vaqueiro exímio, multiplicador de fazendas” (CASCUDO, 1984, p. 43). Muitas vezes essas caboclas capturadas tornaram-se esposas ou concubinas dos primeiros colonizadores. Perguntamo-nos, também, se não havia interesse em utilizar os caboclos (homens) como mão-de-obra escrava, visto a carência do elemento negro no sertão e mesmo as dificuldades para adquirí-lo no início do povoamento.

São numerosos, ainda hoje, os relatos de idosos que contam histórias de índigenas que resistiram à montagem do aparelho burocrático colonial e de suas fímbrias no Sertão do Seridó da primeira centúria do povoamento. Andavam sozinhos ou em pequenos agrupamentos pelo sertão e a memória familiar os denomina, como dissemos anteriormente, de caboclos-brabos. A figura emblemática do caboclo reveste-se como uma metáfora da colonização, se raciocinarmos junto com Julie Cavignac. É ela própria quem nos diz que “(...) no Rio Grande do Norte, muitos são que tiveram uma tataravó índia (pegada a casco de cavalo), quer dizer que foi raptada pelos primeiros colonizadores europeus” (CAVIGNAC, 2000; ver, ainda, CAVIGNAC, 1995).

O *caboclo-brabo* que aparece nos enunciados orais dos sertanejos do Seridó corresponde aos índios do Seridó quando do avanço da conquista das terras sertanejas. Sobreviventes das Guerras dos Bárbaros que foram *amansados*, no dizer popular, e disciplinados pelos ditames da burocracia colonial. Restava a esses *caboclos*, para serem considerados parte da sociedade colonial, a *domesticação* (forçada ou não) e a sujeição aos dogmas da Igreja Católica Romana, embora estivessem imbricadas, nessa situação, resistências e alianças as mais diversas. O *deixar de ser índio* nos parece ser mais complexo do que se pensa. Caboclos ou não, a memória familiar regional advoga para si a presença dos nativos em sua árvore genealógica, mesmo que, em alguns casos, a tradição oral não tenha guardado os nomes desses seus ascendentes.

Em busca de maiores informações sobre essas histórias que narram o apresamento de caboclos e caboclas-brabas, entramos em contato com mais de quarenta narrativas, que colhemos com descendentes desses índios nos municípios seridoenses de Acari, Carnaúba dos Dantas, Caicó, Cruzeta, Currais Novos, Jardim do Seridó, Lagoa

Nova, Ouro Branco, Parelhas, São José do Seridó, São João do Sabugi e Serra Negra do Norte. De maneira geral, essas narrativas relembram o estado de “vida selvagem” em que viviam os caboclos e caboclas, perambulando pelo mato, cozinhando em panelas de barro, colhendo mel de abelha e usando-o como alimento acessório junto à caça e aos frutos da caatinga, falando língua difícil de compreensão pelos “brancos”; o processo de encontro desses índios e índias com vaqueiros e/ou fazendeiros, geralmente ocorrido nas proximidades de fontes d’água (olhos d’água, lagoas, poços) ou de serras, caracterizado, em quase todos os casos, pelo uso da violência para a “captura” das mulheres – daí o uso corrente, nas narrativas contemporâneas, da expressão “dente de cachorro e casco de cavalo” – e “domesticação”; o estado de “vida civilizada” a que os caboclos e caboclas – sobretudo estas, cuja presença é mais comum nas narrativas – eram submetidos, deixando de comer “insosso” e passando a fazer parte da sociedade colonial e cristã – casando, no caso das mulheres, em algumas vezes, com os vaqueiros que lhes capturaram, ou vivendo como amásias dos fazendeiros que ordenaram a “pega” no mato.

Nas narrativas colhidas em Carnaúba dos Dantas, Acari, Jardim do Seridó e Cruzeta uma personagem foi recorrente: a índia Micaela. Chamou-nos atenção, também, o fato de que essa índia também aparece em várias fontes escritas e bibliográficas que tratam da história e da genealogia da família Dantas, abundante no Sertão do Seridó. Razão que nos levou a adensar a pesquisa sobre sua vida, o que nos permite lançar algumas reflexões acerca da história indígena do Seridó vista pelo olhar de seus moradores que são descendentes de nativos.

Essas narrativas noticiam que o coronel Caetano Dantas Corrêa (1710-1797) teria *pego a dente de cachorro e a casco de cavalo* uma *cabocla-braba* que batizara posteriormente como Micaela, a qual estava desgarrada nas cercanias da Serra da Rajada (hoje, essa serra fica localizada entre os municípios de Carnaúba dos Dantas, Acari, Parelhas e Jardim do Seridó). Contam que a mesma, por ser muito arredia, foi trancada e amarrada em um quarto e que, ao receber a comida em um prato, cuspiu-o e o

arremessava de volta. Teria sido amansada por Caetano Dantas, com quem casara depois e tivera filhos, dos quais descendem os Dantas do Sertão do Seridó².

A história “oficial”, no entanto, discorda dessa versão. Historiadores e genealogistas que escreveram sobre a família Dantas no Sertão do Seridó afirmam que Caetano Dantas Corrêa casara com dona Josefa de Araújo Pereira, filha do português Tomás de Araújo Pereira e da paraibana Maria da Conceição de Mendonça, de cujo casamento nasceram dezenove filhos, tendo se conservado dezessete. Dentre estes, o primeiro rebento de que se tem conhecimento, nascido em 1753, era uma menina, chamada Micaela Dantas Pereira. Esta casaria posteriormente com Antonio de Azevêdo Maia (2º), dando origem ao ramo dos Azevêdo Dantas no Seridó (MEDEIROS FILHO, 1981, p. 116). Estaria aqui, na coincidência entre o nome da índia e o da filha mais velha de Caetano Dantas a explicação para o problema? Seria Micaela apenas a filha do velho patriarca?

Vejamos o que historiadores da primeira metade do século XX afirmaram sobre o tema. Escrevendo em 1924, José de Azevêdo Dantas opinou que Caetano Dantas tenha casado com dona Josefa de Araújo e não com a “(...) suposta Índia como imaginam alguns historiadores mal informados (...)”. Informa, a partir do relato oral do coronel Quincó da Rajada (Joaquim Paulino de Medeiros, 1844-1932) que, encontrada e pega a índia nas proximidades da Serra da Rajada pelos vaqueiros de Caetano Dantas, este a domesticou e educou-a, criando-a não como uma escrava, mas, como uma filha. A “meiga e fiel cria de casa”, como a ela se referiu José de Azevêdo Dantas, teria sido casada pelo próprio Caetano Dantas com um seu descendente (DANTAS, 1924).

O desembargador Phelippe Guerra, em suas “Notas Genealógicas”, produzidas provavelmente na década de 1930, cita duas publicações que aludiram ao que o autor refere-se como a “lenda” da “selvagem Michaela, da serra da Rajada”: a primeira, a “Gazeta do Sapateiro”, de Viriato Correia, publicada no “Jornal do Brasil” de 15 de maio de 1932; a segunda, uma resposta do Dr. Joaquim Ignácio Filho acerca de questionamentos sobre o município de Jardim do Seridó, publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. XVIII, de 1919. Em ambas as publicações são feitas alusões à índia Micaela, que teria sido pega por Caetano

² Aqui estão condensadas as narrativas orais colhidas em Carnaúba dos Dantas, Acari, Jardim do Seridó e Cruzeta.

Dantas Corrêa na Serra da Rajada e com quem teria se casado, nascendo, dessa união, uma filha homônima, de nome Micaela Dantas Corrêa Filha. Phelippe Guerra, com base em informações fornecidas por documentos cartoriais, contesta veementemente a união de Caetano Dantas com a índia Micaela e, ao final, arremata:

Do que fica exposto sobre Caetano Dantas correia vê não ser verdadeira a afirmação de haver elle casado com a selvagem Michaela, da serra da Rajada, e que teve uma filha do mesmo. Sua mulher Jozefa de Araújo Pereira era filha do portuguez Thomaz de Araujo Pereira. É certo que esse casal teve uma filha Michaela (...) (GUERRA, 193-).

Divergências entre a história canônica e a tradição oral à parte, o que sabemos é que o próprio Caetano Dantas era filho de uma mameluca, Isabel da Rocha Meirelles, que foi casada com o português José Dantas Corrêa. Isabel era filha de Manuel Vaz Varejão com uma índia da Capitania da Paraíba da qual a memória social não nos legou o nome (MEDEIROS FILHO, 198, p. 116). A probabilidade, na nossa opinião, é de que Caetano Dantas tivesse com a índia Micaela um relacionamento paralelo ao casamento oficial com Josefa de Araújo, como era tão comum no período colonial (ver, sobre o tema, VAINFAS, 1997, p.221-73).

Mamede de Azevêdo Dantas, irmão de José de Azevêdo Dantas, divulgou em sua *História de Carnaúba* (escrita em 1945) uma outra narrativa, semelhante à de Micaela. Segundo ele “Conta uma tradição muito antiga, que veio uma moça do Termo de Piancó, acompanhada de um homem muito valente, dar combate a uma aldeia de índios aqui existente [em Carnaúba dos Dantas] e mais ou menos na era de 1705”. Desse combate teria ficado uma índia desgarrada do “bando” da Serra da Rajada, que depois foi pega a casco de cavalo por “(...) uns senhores de Santa Luzia, pois a Santa Luzia começou na éra de 1600”. Essa cabocla chamava-se Antonia de Aliá, e, de acordo com o testemunho de outro historiador erudito da região, Manuel Paisinho Dantas, a mesma não fora “pega” por Caetano Dantas. Mamede de Azevêdo Dantas chega a supor que o pernambucano Manuel Fernandes Freire teria se casado a primeira vez com uma índia de Mamanguape e a segunda vez com Antonia de Aliá, da Serra da Rajada. Detalhe: a índia de Mamanguape a que Mamede de Azevêdo se refere também se chama

Antonia (de Moraes Valcácer, a segunda desse nome) e o ambiente da “caçada” era o mesmo, a Serra da Rajada, onde fora capturada a lendária Micaela (DANTAS, 1945).

O texto de Mamede Azevêdo informa o choque entre dois universos diferentes: de um lado, o indígena, por meio da referência a um “bando” que habitava na Serra da Rajada; de outro, o dos conquistadores, interessados nos solos das ribeiras sertanejas para a finalidade da criação de gado. Em meio ao choque, o trágico extermínio dos índios que habitavam nas cercanias e, no caso dos sobreviventes, a sua captura “a casco de cavalo” – numa remissão ao uso de equinos por vaqueiros ou sesmeiros para o apresamento de índios arredios à colonização.

Essa narrativa em torno do apresamento de uma índia nas redondezas da Serra da Rajada repete-se ainda hoje, em Carnaúba dos Dantas, ora nominando-a de *Antonia*, ora de *Micaela*. Denunciadora da violência usada na empreitada de colonização das terras situadas na Ribeira do Seridó e de seus afluentes, a narrativa envolvendo a captura da indígena nos parece, por outro lado, a lembrança de que essa região tinha muitos habitantes antes da chegada dos conquistadores. Populações essas a quem foi negado, com a vitória do projeto ocidental e conseqüente interiorização da pecuária, o direito de manter seus próprios territórios, adorar seus deuses e até mesmo de conviver segundo seus padrões societários.

A história da índia Micaela, portanto, indica que a entrada dos colonizadores no sertão se deu quando a presença nativa ainda era evidente. Seria ingenuidade de nossa parte querer situar casos como o da índia Micaela ou de Antonia de Aliá em determinados momentos históricos fixados cronologicamente em datas. Talvez esteja aqui a razão para que haja discordância entre a história consagrada e a tradição oral. Paraphrasing Maurice Halbwachs poderíamos sustentar que a *história escrita* fala de Caetano Dantas enquanto esposo de dona Josefa de Araújo. Enquanto a *história vivida* narra, através de memórias individuais de um determinado grupo o relacionamento do coronel com a indígena.

O fato de essas memórias individuais serem vinculadas a uma coletividade (os descendentes de Caetano Dantas) indica que a memória é seletiva, ou seja, escolhe aspectos do passado que ainda estão vivos ou que são capazes de se manter na consciência do grupo que a mantém. Exemplar nesse sentido é o depoimento de Dona

Maria Dantas, de Carnaúba dos Dantas, quando perguntada sobre o episódio de Micaela citado anteriormente. Sem cerimônias ela nos contou que essa índia foi pega *a dente de cachorro e a casco de cavalo* perto da Serra da Rajada pelos vaqueiros de Antonio Adônis, que a amansou. Detalhe: Antonio Adônis dos Santos era um grande latifundiário do município de Parelhas, que tinha possessões nos Sítios Olho d'Água Seco e Cachoeira, nas vizinhanças da Serra da Rajada e que faleceu na segunda metade do século XX, mais de duzentos anos após a união oficial de Caetano Dantas com Josefa de Araújo.

A narrativa de dona Maria Dantas elege, portanto, elementos que a memória coletiva do seu grupo achou interessante que permanecessem vivos, acrescentando nuances que aproximam o presente do passado. De certa forma, corrobora a assertiva de Maurice Halbwachs para quem “(...) ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo (...)” (HALBWACHS, 1990, p. 67).

Apontar para a presença de caboclos e caboclas nas páginas da história sertaneja nos alenta para repensar as razões do encobrimento das populações índias na memória social da região. Os seridoenses que entrevistamos – malgrado todo o manto de obscuridade que ainda pesa sobre a presença das populações índias na região após as Guerras dos Bárbaros – conseguiram nos mostrar um outro lado da história de seus ancestrais e que é também sua própria história, marcado por lutas e resistência aos colonizadores.

Levaram-nos a conhecer um passado do Sertão do Seridó que somente repousa na superfície da memória individual de alguns de seus habitantes e que ainda não está nos livros didáticos. Passado este que se contrapõe à história oficial e que põe em evidência o peso dos atos de crueldade e coação usados mesmo após o início efetivo do povoamento para com os remanescentes dos grupos de índios da região. As perguntas ainda são muitas, mas, podemos afirmar que a história das linhagens seridoenses precisa ser reescrita, acrescentando-se a participação cabocla (índia, portanto) nos entrelaçamentos genealógicos que originaram as suas famílias. As narrativas colhidas, dessa maneira, conduziram-nos a um passado do sertão que, encravado na memória familiar, foi, de certa maneira, negado pela historiografia clássica. Passado que se

contrapõe à história oficial e põe em evidência o peso da colonização sobre os povos nativos e seus descendentes.

Fontes escritas

ARAÚJO, Josefa Maria de. **Historico Familiar – Descendente de Indio – Uma Historia Veritica contada Pelos antepassado ate hoje**. Manuscrito escrito quando jovem por D. Josefa Maria de Araújo, de Carnaúba dos Dantas, em que relata suas conversas com os pais e avós sobre a cabocla Antonia Siá.

DANTAS, José de Azevêdo. **Noticia sobre a suposta Índia Micaela**. Nota transcrita do jornal *O Momento*, de José de Azevêdo Dantas, folha nº 51, do ano de 1924. Datilografado por Pedro Arbués Dantas, em Currais Novos, no dia 10 de agosto de 1968. Acervo Particular de Helder Alexandre Medeiros de Macedo, Carnaúba dos Dantas-RN.

DANTAS, Mamede de Azevêdo. **História de Carnaúba escrita em 1945 por Mamede de Azevêdo Dantas**. Datilografado do original por Pedro Arbués Dantas e hoje conservado por D. Maria de Lourdes Azevêdo, neta do autor.

GUERRA, Phelippe. **Notas genealógicas** (193-). Acervo particular de dom José Adelino Dantas, Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias, Carnaúba dos Dantas.

SILVA, Manuel Maria do Nascimento (Manuelzinho do Navio). **Genealogia dos nossos antepassados**. Manuscrito escrito na Fazenda do Navio (Acari-RN) em 1909 contendo a descrição da descendência dos patriarcas das famílias Medeiros, Dantas e Araújo, dentre outras. Acervo do Laboratório de Documentação Histórica do Centro de Ensino Superior do Seridó.

Fontes orais (com indicação do lugar de residência e data da entrevista)

Alaíde Lima de Medeiros, São João do Sabugi, 18.05.2004

Anacreonte Pereira de Azevedo Dantas, Cruzeta, 03.06.2004

Angelita Elisa dos Santos, Ouro Branco, 27.12.2004

Beatriz Alexandrina da Costa, Parelhas, 18.05.2004

Celso Nasário de Medeiros, Carnaúba dos Dantas, 03.04.1996

Cristina Dantas de Oliveira, Acari, 18.12.2004

Delmira Maria da Silva, Carnaúba dos Dantas, 15.02.2003

Dilson Cirilo de Azevedo,Ouro Branco,10.06.2004
Eronides Pereira Dantas,Cruzeta,06.01.2005
Francisca Medeiros ,Carnaúba dos Dantas,05.03.1994
Francisca Moreira Cesário da Silva,Currais Novos,27.05.2004
Francisco Jorge da Silva,Jardim do Seridó,03.01.2005
Francisco Raimundo da Silva,Cruzeta,11.06.2004
Guilhermina Cândida de Medeiros,Carnaúba dos Dantas,05.03.1994
Herônides Pereira Dantas,São José do Seridó,19.12.2004
Hosana Alves de Araújo,Currais Novos,25.05.2004
Iranice Araújo de Medeiros, São João do Sabugi,06.01.2005
Irene Hipólito Dantas,Carnaúba dos Dantas,13.02.1996
Irene Idia de Azevêdo,Carnaúba dos Dantas,20.09.1997
Joana D'Arc Cândido,Carnaúba dos Dantas,13.02.2003
Joaquim Coutinho ,Lagoa Nova,10.08.2004
José Batista Dantas Neto,Carnaúba dos Dantas,25.11.1999
José Roque Sobrinho,Caicó,26.12.2004
Josefa Ferreira da Silva,Acari, 21.12.2004
Josefa Rita de Araújo Azevedo,Parelhas,08.01.2005
Júlia Pereira de Souza,Parelhas,15.05.2004
Jurandir Feliciano da Silva,Currais Novos,21.05.2004
Manoel Jorge da Silva Filho,Jardim do Seridó,22.12.2004
Maria Anunciada de Araújo, São João do Sabugi,24.12.2004
Maria Bezerra Galvão,Lagoa Nova,11.08.2004
Maria da Paz de Medeiros Costa,São José do Seridó,19.12.2004
Maria da Soledade Oliveira Cesário Vieira,Currais Novos,03.06.2004
Maria de Fátima Santos, São José do Seridó,18.05.2004
Maria de Lourdes Oliveira Amorim,Caicó,26.05.2004

Maria do Socorro Silva, São João do Sabugi,06.01.2005
Maria Luísa de Figueiredo Silva,Ouro Branco,27.12.2004
Maria Silva de Azevedo,Ouro Branco,10.06.2004
Maria Theresa do Nascimento,Jardim do Seridó,26.12.2004
Moacir Cavalcante Lobo,Jardim do Seridó,07.06.2004
Neci Josefa dos Santos,Parelhas,10.01.2005
Pedro Nolasco de Medeiros,Caicó,26.12.2004
Raimundo Florentino,São José do Seridó,19.12.2004
Rita Augusta Ferreira,Caicó,26.05.2004
Rita Emília do Nascimento,Carnaúba dos Dantas,20.12.2002
Saturnino Guedes da Silva,Jardim do Seridó,30.12.2004
Sérgio Augusto dos Santos,Cruzeta,03.01.2005
Teodoro Honório de Medeiros, São João do Sabugi,24.12.2004

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AUGUSTO, José. **Famílias Seridoenses**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1940.

BASTOS, Sebastião de Azevedo. **No Roteiro dos Azevedo e outras famílias do Nordeste**. João Pessoa: Gráfica Comercial Ltda., 1954/1955.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2.ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CAVIGNAC, Julie. A índia roubada: estudo comparativo da história e das representações das populações indígenas no Sertão do Rio Grande do Norte. **Caderno de História**. Natal, EDUFURN, v.2, n.2, p. 83-92, jul/dez. 1995.

CAVIGNAC, Julie. Vozes da tradição: reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em Antropologia (2000). **Mneme – Revista de Humanidades**. Disponível em <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/>. Acesso em: 24 jan.2009.

- COSTA, Sinval. **Os Álvares do Seridó e suas ramificações**. Recife: ed. do autor, 1999.
- DANTAS, José Adelino. **O Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia – Um Inventário revelando um homem**. Natal: CERN, 1977.
- GOMES, Enelli; MEDEIROS, José Lucena de. **Caboclos brabos: o imaginário indígena no Vale do Sabugi**. Caicó, RN: 2000. 23p. Mimeo (dissertação apresentada à disciplina História do Rio Grande do Norte I).
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas Famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.
- SOARES, Gilberd; PEREIRA, Veranilson. **Os caboclos brabos: memória de família e imaginário seridoense**. Caicó, RN: 2000. 39p. Mimeo (dissertação apresentada à disciplina História do Rio Grande do Norte I).
- TAVARES, Rosicleide; MORAIS, Valcácia. **Caboclos brabos: memória e orgulho de famílias sabugienses**. Caicó, RN: 2000. 18p. Mimeo (dissertação apresentada à disciplina História do Rio Grande do Norte I).
- VAINFAS, Ronaldo. **Moralidades brasílicas**. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da Vida Privada no Brasil 1 – Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 221-73.

